

ANEXO 4 - Transcrição da entrevista ao sujeito A

- Fundamentos teóricos do modelo.

- Numa análise geral a FBP é o programa mais adequado para o desenvolvimento das competências, nas várias áreas do desenvolvimento, da criança surda dos 0 aos 3 anos? Porquê?

A: Nós aqui na precoce somos uma equipa multidisciplinar, não é? Cada uma trabalha mais especificamente a sua área, mas de uma forma transdisciplinar as áreas não são estanques e, portanto, são transdisciplinares. Nós baseamo-nos muito nas guidelines internacionais para a precoce, para a intervenção precoce, não é? E depois cada uma de nós partilha com todas, não é, escolhe algumas linhas de base de trabalho, com base no desenvolvimento global esperado, não é? Portanto, eu sou mais responsável pela área do desenvolvimento global da intervenção precoce, muito focado claro nas questões da comunicação também, linguagem fala e audição, porque é a minha área de especialização, mas nunca esquecendo as características globais de desenvolvimento. E aí parto sempre do que é esperado no protocolo do currículo Carolina do Norte, que tem o que é espectável em termos do desenvolvimento, nas várias áreas do desenvolvimento, desenvolvimento pessoal, social, cognitivo, comunicação, formação motora, portanto eu vejo sempre a criança como um ser completo nas várias áreas do desenvolvimento, mas partindo sempre nesta base da língua, não é, para o desenvolvimento do resto de todas as áreas do desenvolvimento, tendo sempre por base as guidelines do que é esperado no trabalho da intervenção precoce.

- Então em função disso este modelo que vocês aplicam aqui será para o mais adequado para esta faixa etária?

A: Na minha perspectiva é. Na minha perspectiva... é assim há coisas que nós achamos que se tivéssemos outras oportunidades de espaço, de autorização superior, mesmo em termos de Ministério da Educação, havia coisas que funcionariam diferente, não sei se tem aí a pergunta mais à frente?

- Numa perspetiva socioantropológica, enquadrada num modelo de intervenção bilingue, qual a importância do diagnóstico precoce da surdez?

A: Para nós o diagnóstico precoce da surdez é uma garantia de que vêm para cá, ponto. É assim é nos exigido que tenham um diagnóstico de surdez para poderem frequentar a FBP, agora pensando no modelo socioantropológico nós não nos centramos na parte clínica da surdez. Pensamos naquele bebé como um ser completo, que se tem que desenvolver nas várias áreas de desenvolvimento, independentemente do tipo do grau, da surdez, da parte clínica da surdez que não é isso que nos interessa nós não queremos resolver a surdez, nós queremos que aquela criança cresça como qualquer outra criança daquela idade, portanto, a parte clínica é para o diagnóstico de entrada e um ponto de partida depois nós não vemos aquela criança como uma criança surda, ponto, que tem que resolver a questão da surdez, ponto.

- É irrelevante?

A: É irrelevante nesse sentido enquanto perspetivar numa criança que vai crescer e que tem de fazer um caminho, temos de olhar para ela de uma forma muito mais global. Agora claro que a surdez vai interferir nalgumas questões. Se temos de encaminhar, se achamos que aquele diagnóstico..., se a criança funcionalmente não corresponde aquele diagnóstico, temos que entrar em contacto com as equipas médicas, e dizer “olhem façam o favor...”, ou com a equipa com quem nós temos protocolo no St. António, vejam esta criança que nós achamos que funcionalmente não corresponde a uma surdez severa, ou se achamos que a prótese não está a surtir efeito, e não sei o que não sei que mais. Claro que olhamos para estas coisas técnicas, mais técnicas da surdez, mas nunca com o fim de solução e ver aquela criança é surda, e a questão da surdez é o pior mal do mundo e temos que resolver a questão da surdez. É porque interfere com algumas questões da vida, mas o nosso objetivo principal é sempre pensar que aquilo é uma criança que tem uma surdez, de facto, mas que tem que ter um funcionamento como as outras crianças, e portanto olhamos para ela mais numa perspetiva socioantropológica do que médica, ou clínica, na perspetiva clínica.

- Qual / quais os aspetos mais diferenciados deste modelo específico de FBP, deste agrupamento de escolas, em relação a outros modelos de intervenção?

A: Sim, nós conhecemos algumas situações de outras escolas que também têm respostas para bebés, eu não sei se chamam frequência bilingue precoce, acho que não, mas funcionam, como Braga, mas tem um funcionamento diferente porque aquela é escola de referência para a intervenção precoce, nós aqui não somos, nós somos..., a escola de referência, portanto a IP, do SNIPI do sistema nacional de intervenção, é aqui o António Nobre. Nós somos um projeto dentro da EREBAS, dentro da escola de referência, mas a nossa escola, o nosso agrupamento não é escola de referência para a IP. Em Braga coincide ser a escola de referência para a IP ser a EREBAS, portanto o funcionamento é diferente. Depois conhecemos o funcionamento da Casa Pia, que também tem um ponto de partida diferente, porque eles não são uma escola pública como a nossa, portanto têm outro tipo de autonomia. Têm uma creche a funcionar lá a tempo inteiro, e nós aqui não temos, que é uma das grandes diferenças que eu acho que acontece nestes dois espaços, porque quem nos dera a nós podermos ter aqui os bebés a tempo inteiro, nem que fosse dois três dias por semana, aqui falha a questão social com os pares, não é? É uma intervenção muito um a um aqui no contexto da FBP, por isso temos privilegiado este ano também, desde ano passado, a ida às creches e aos domicílios, porque se trabalha outras competências que não são possíveis trabalhar aqui de um para um, as competências de socialização, as competências de interação com os pares, seja na LP seja na LGP. Aqui no trabalho, eu não digo tanto clínico, mas assemelha-se um bocadinho a um gabinete, queremos-nos distanciar desta ideia da IP de gabinete. Quer dizer eles não vêm a uma sessão de terapia da fala, eles não vêm a uma sessão de apoio especializado, e as coisas acontecem ali de forma natural, às vezes como poderá acontecer nos contextos de vida. O facto de a Casa Pia ter uma creche lá, e os meninos surdos que estão em intervenção precoce lá, têm outro de oportunidade que estes aqui só..., se nós não privilegiássemos também neste momento a intervenção em casa e nas creches. Pronto foi a maneira que nós arranjamos para colmatar esta lacuna. De não termos uma creche aqui de não podermos fazer uma intervenção também com

os pares, com os educadores, com os outros contextos de vida reais, não é? Foi um bocadinho... não sei se respondi à pergunta?

– Quais as bases com as quais se fundamentam para a construção deste modelo?

A: Em termos teóricos para a precoce ou a pensar ... ao criar o projeto?

- Sim ao criar o projeto.

A: O projeto inicial não fui eu que o construí, foi uma colega a Portanto eu não estive na base da criação, eu e, não sei, as colegas talvez, mas eu não estive na criação de base deste projeto, foi uma colega que já..., infelizmente já cá não está, mas eu estou na precoce... este é o segundo ano que estou a tempo inteiro na precoce, a tempo inteiro não até é o primeiro, no ano passado eu partilhava com a integração com os meninos ouvintes. Portanto a tempo inteiro é este ano. Bom não interessa. O que eu acho, o fundamento principal para a criação deste projeto, eu acho que é colmatar uma lacuna que não existe... uma resposta específica que não existe noutros modelos. Nós temos a intervenção precoce, a IP do SNIPPI, mas que é uma resposta lata para qualquer criança com NEE ou em risco, mas não dá uma resposta muito específica à surdez. Isso foi o princípio eu acho, penso eu, da criação deste projeto. Os fundamentos teóricos eu acho que tem a ver com as questões do desenvolvimento, com ... linguísticos... Não sei se querem modelos? Querem modelos? Queriam que nós falássemos em modelos? Os modelos de ... como se chamam?

- Os modelos de intervenção mesmo, em relação à intervenção educativa que vocês fazem aqui. Vocês têm um modelo de FPB, que foi, em princípio, formatado por vocês, uma construção constante, aliás eu até pergunto a seguir se é este é um modelo muito hermético, muito fechado, ou se é um modelo que vocês vão ajustando?

A: OK. Não, o nosso modelo eu acho que se baseia muito no trabalho parental,. É o trabalho direto com as crianças numa perspetiva do desenvolvimento global e linguístico. No trabalho parental no sentido de... eu não gosto de dizer passar competências aos pais, porque eu acho que nós não somos soberanos para

passar competências a ninguém, mas muitas vezes dar pistas, eles verem-nos a funcionar com a criança, nós ajustarmos as estratégias com as famílias, porque se nós pensarmos que vamos resolver tudo aqui em três vezes por semana não resolvemos, então o nosso princípio é trabalhar de forma muito apertada, muito estreita com estas famílias, se possível nos contextos também familiares, para passar algumas estratégias e algumas, eu não gosto de dizer passar competências, porque nós não somos as pessoas soberanas para passar competências, mas para discutir e para eles verem como nós funcionamos com os bebés, e eventualmente ajustarem algumas atuações, e passarmos algumas estratégias, darmos algumas dicas até às vezes do espaço, que até já tem acontecido este ano, exposição dos brinquedos, quando eles têm muitos brinquedos à disposição acabam por brincar com tudo e não brincar com nada, e não explorar até ao fim as coisas. Dar algumas dicas de como comunicar com o bebé na hora do banho, na hora da muda da fralda, na hora da papa, na hora do adormecer, portanto trabalhar muito com as famílias nesta discussão de passagem de competências e de estratégias e de ... pronto. Isso com as famílias, depois aqui um trabalho muito direto com as crianças, e depois nas creches trabalhar muito com as educadoras, também são também elas que estão a grande maioria do tempo com os bebés, nos estamos aqui três horas por semana. Portanto, não vamos fazer nada se o resto dos pares e dos educadores, que estão com eles a tempo inteiro não caminharem no mesmo sentido, não é? Depois a nossa outra área de atuação é com os educadores que estão com eles nas creches, e os amigos, e os pares.

- Quais os principais desafios profissionais na construção e reformulação do modelo de FBP, de forma a irem ao encontro das expectativas e das necessidades de comunicação da criança e da família?

A: São vários, eu acho que nós encontramos vários desafios profissionais. É assim primeiro eu acho que nós aqui encontramos pais, famílias e bebés em várias fases, e nós temos que nos ajustar a cada uma. Encontramos pais numa fase ainda de compreender o que isto tudo é, o luto, a aceitação, a culpa, e isto vai interferir na maneira como vêm naquele momento esta resposta. Há pais que chegam aqui e pensam esta resposta vai salvar, outros procuram-nos a pensar

vamos tentar encontrar um caminho. Outros pensam “ele vem para aqui e vai desenvolver a oralidade e depois se calhar pode ir para a escola da área de residência para ficar integrado”, e não sei o quê! Há outros que vêm sem expectativas. Há outros que vêm “ok vamos ver, vai ser a língua gestual, vai ser a língua oral”, e acompanham o percurso, e vão aprendendo a viver com este percurso, e vão aceitando o que nós vamos dizendo e vamos partilhando. E nós vamos ouvindo os pais, e ouvindo muito as expectativas dos pais também. Porque é assim nós somos uma resposta, mas os pais é que escolhem os caminhos pelos quais a criança também vais seguir. Se eles não aceitarem depois que fique aqui no modelo bilingue, ou que fique aqui na integração, os pais são soberanos, não é? Os entraves é muitas vezes imposições superiores, nomeadamente esta questão legal de não podemos pôr, ter aqui os bebés a tempo inteiro. Os pais têm de estar sempre acompanhados com os bebés, o que é bom para esta partilha, mas há situações, por exemplo ao nível da autonomia, que são trabalhadas quando os pais não estão. Por exemplo este ver o desligar do modelo afetivo, do cuidador principal, não acontece, nos vemos isso quando vamos à creche, que os bebés estão em creche. Os bebés que estão aqui com os pais e que nós vamos a casa e que estão com os pais, não conseguimos ver tão bem como é que aquela criança é, em termos de autonomia, independente do cuidador principal. Portanto, o entrave, concretizando: eu acho que é o facto de não termos a possibilidade de ter aqui os bebés a tempo inteiro, por uma questão superior, não é? Porque não é permitido por lei que as escolas públicas tenham bebés antes dos 3 anos. O facto de termos esta necessidade de ir aos contextos de vida, e ser um bocadinho por carolice, porque não há nada que permita o custear estas deslocações, este tempo, as portagens, quer dizer saímos um bocadinho do bolso, que é mesmo assim, é um bocadinho por carolice, mas é porque de facto nós achamos que é um trabalho fundamental. E achamos, pronto, vão-se os anéis ficam-se os dedos, é como eu costumo dizer, não interessa. Se nós pensássemos numa precoce ideal, e nós enquanto equipa já temos discutido um bocadinho o que seria ... o que é que nós, se nos dessem carta branca, e dissessem vocês podem fazer da precoce o que quisessem, nós com toda a certeza tínhamos cá pelo menos, se não fosse possível a tempo

inteiro, tínhamos cá dois ou três dias em que tínhamos os bebés cá todos a tempo inteiro no mesmo espaço. Teríamos que ter tempos semanais para estar ao mesmo tempo com os pais e sem os filhos também, portanto eles vêm cá e estão sempre com os filhos, quando nós estamos aqui vamos falando das coisas, mas estão os bebés também, tínhamos que ter tempos sozinhos com os pais. E vamos criar, para colmatar esta necessidade que estamos a sentir agora, estamos a criar um momento, agora a partir do terceiro período, de ... à quarta feira é o dia em que nós conseguimos ter cá mais meninos seguidos, vamos propor aos pais que eles venham todos à mesma hora, durante duas horas, e vamos fazer duplas, entre nós, em que duas ficam com os bebés, e uma de nós vai estar com os pais, do género em formação, não lhe podemos chamar formação, mas é discussão alargada de várias temáticas. Nós já estamos a planear quais são essas temáticas que vamos discutir com os pais, e que vai ser rodada entre nós todas, portanto vai passar desde a língua gestual, desde as questões puramente auditivas e dos aparelhos e das ajudas técnicas, às questões do desenvolvimento, às questões linguísticas esperadas para estas idades, para os meninos implantados, para os meninos aparelhados, o que seja, estamos a fazer... já vimos que temos oito semanas para isto, estamos a criar uma temática para cada uma destas oito semanas, para os pais virem ao mesmo tempo com estes bebés, os bebés ficam aqui em trabalho com duas de nós, e a outra vai com os pais fazer uma partilha, uma conversa alargada entre todos, um bocadinho para colmatar também uma das necessidades que nós achamos que os pais também têm, não é só nossa, os pais também têm. Isto surgiu também de uma observação que nós fizemos neste segundo período que, nós temos as sessões muito seguidas, e quando um bebé se atrasa e outro se adianta, eles vão-se juntando aqui, e nós sentimos nos últimos tempos que havia pais que ficavam e ficavam, e ficavam ... portanto, e achamos ... e depois nesses momentos observávamos que os pais, as mães, são muitas mães, não é, no geral, faziam muitas perguntas aos outros pais que tinham filhos um bocadinho mais velhos e que já tinham passados por alguns dos processos, ou de implante ou de desenvolvimento da língua oral, “ah quando ele tinha a idade do meu como é que era? Também só fazia estes sons, também não sei o quê...” “ah e como

é que fazem? E com que idade é que o põs na creche? Como é que foi a integração na creche? Não sei o quê? "... portanto víamos quando havia momentos coincidentes de bebés aqui, os pais tinham muita necessidade de conversar uns com os outros, a nossa voz eles iam ouvindo, não é, mas passar por pais que tinham passado pelo mesmo era diferente, eles precisavam muito deste testemunho dos outros pais. Portanto, então um bocadinho com base nisto, um bocadinho para colmatar esta necessidade, que já falei há bocado, destes encontros, vamos criar, estamos a planear agora criar estes momentos..., a partir agora de, não vai começar na primeira semana, mas à partida na segunda semana vão começar estes encontros de pais. Como os nossos meninos só podem frequentar a precoce na presença dos pais, não podem estar cá sem a presença dos pais, tem de que ser esse momento. Isto é um bocadinho um caminhar, por isso é que eu digo que o nosso modelo não é fechado, aquilo que me perguntava se era hermético ou não, eu acho que o modelo não é fechado, nós não concebemos o modelo a pensar vai ser assim e vai-se replicar todos os anos. Eu acho que não, nós estamos a fazer... as coisas vão acontecendo à medida que vão surgindo estas necessidades. Por exemplo no ano passado nós começamos a fazer domicílio com um bebé que tinha sete meses, e aqui não havia condições até físicas, não é, do próprio espaço para trabalhar algumas destas competências, e justificava-se trabalhar com estas famílias em vários momentos e rotinas do dia em casa. E depois foi tão rico aquele momento que se generalizou para os outros bebés este ano, que não estão no contexto devida, e as guidelines para a precoce dizem-nos isso que a intervenção deve ser nos contextos mais naturais possíveis. Portanto o salto do ano passado para este ano, o que é que nós fizemos? Ok então os bebés que estão em creche ... porque no ano passado já íamos à creche e só ao domicílio deste bebé, os bebés que estão em creches nós vamos às creches deles, os bebés que estão em casa nós vamos às casas deles. Portanto foi um salto do ano passado para este ano. Todos os nossos bebés estão abrangidos por um contexto de vida para além deste. E agora o salto que nós sentimos que estamos a dar neste momento é este trabalho com as famílias, que sentimos este ano ... foi a primeira vez que nos apercebemos a sede que estes pais tinham de estar

com os outros pais porque partilham uma coisa comum, que é a surdez dos filhos, e por mais que nós expliquemos, e por mais ... são pessoas que não passaram por uma situação concreta de surdez na vida. Trabalhamos com meninos surdos, mas nós não temos filhos surdos. Portanto, e o salto que estamos a dar neste momento para trabalhar isto no terceiro período, quem não sabe se para o ano não se vai concretizar numa situação diferente para o ano inteiro, não é? Portanto eu acho que o modelo não é hermético e vai crescendo à medida que as coisas vão acontecendo no dia a dia aqui.

-Quais os maiores desafios linguísticos e comunicacionais da criança e da família? Como podem ou devem ser ultrapassados?

A: É assim, nós... a grande maioria dos nossos meninos são surdos filhos de pais ouvintes. Temos essa questão depois do desenvolvimento da língua e a vontade muito grande que a maioria dos pais, quando chegam aqui, têm que é “quero que o meu filho fale”, fale língua portuguesa oral. Temos esta questão, às vezes, de aceitação da língua gestual numa fase inicial, e perceberem..., e eu acho que o nosso papel aqui é dar a entender aos pais que a língua gestual pode ser um caminho, e dar a entender aos pais que a língua gestual pode ser importante para aquele bebé, e fazer com que eles aceitem, ou não, a nossa perspectiva é que nós estamos aqui. Os pais quando vêm para cá sabem que têm um modelo bilingue, portanto quando aceitam vir para aqui já sabem que vão ter língua gestual. Nos não dizemos nunca a um pai “pode vir para cá, mas não vai ter contacto com a língua gestual”, não, nós assumimos como modelo bilingue e, portanto, os pais se aceitam que o bebé tenha intervenção nossa, portanto já sabe que também vai ter intervenção da língua gestual, e contacto com a língua gestual. Portanto isso é ponto de partida para o bebé estar connosco. Nós nunca dizemos vai trabalhar comigo e com a ..., com a ... não. A ... faz parte da equipa e portanto os pais sabem que a língua gestual vai estar presente. Mas pronto, mas é um caminho que se faz com os bebés nesta parte da comunicação. Depois é os pais perceberem as fases linguísticas pelas quais o bebé está a passar, às vezes nós tentamos dar a entender, tentar explicar aos pais que aquela fase pela qual o bebé está..., o caminho que está a fazer pela língua gestual está a ser

muito mais rápido, a língua oral está a ser mais lento, ou o contrário, ou em simultâneo, não é? E os pais...

- No fundo é dessa forma que este modelo ajuda os pais

A: Também ajuda os pais, eu acho que sim, eu acho que ajuda os pais.

- Explica-lhes um pouco qual é o caminho de comunicação e desenvolvimento linguístico dos filhos?

A: sim, sim. E eles perguntam muitas vezes, “ah ele agora está na fase do balucio, tá tá tá tá tá, pú pú pú, ba ba ba, mas isto não deveria ser aos não sei quantos meses e não sei o quê?” Pronto, e nós tentamos explicar aos pais: “olhe foi implantado há... esta agora na idade auditiva, está agora, esta fase em termos de idade cronológica não corresponde, mas em termos de desenvolvimento auditivo e linguístico é o que é esperado agora, portanto ele está a fazer um caminho”. Vamos tentamos desmistificar estas questões todas, e a mesma coisa com a língua gestual, as questões das alterações que fazem ao gesto são o que é espectável para a idade são...

- É uma forma de superar a barreira a barreira da comunicação, através da língua gestual.

A: Sim, aqui as questões da barreira de comunicação não se põem tanto como em idades mais velhas, é o que eu sinto, porque os bebés ainda estão numa fase muito precoce de aquisição de língua, portanto os pais ainda conseguem acompanhar esta aquisição linguística da língua gestual. Quando eles são mais velhinhos começa a haver algumas questões de barreira de comunicação linguística, em termos de domínio de língua. Nestes bebés ainda não se vê tanto isso, ainda não há tanto isso porque os bebés ainda estão numa fase muito precoce de aquisição de língua, portanto, o ritmo ainda é relativamente lento na aquisição...

- Os pais quando chegam não sentem essa barreira de comunicação, sentem-se muito próximo dos filhos?

A: Sentem mais a barreira de “Como é que eu faço para comunicar?”, não em termos da língua oral, da língua gestual, mas muito mais aquela comunicação mais abrangente. Aquelas pistas que nós passamos “olhe fale só quando está... comunique com o seu filho quando está a olhar para si, em vez de chamar de costas toque no seu filho para olhar para si”. Mais estas questões das barreiras de comunicação não tanto do domínio de uma língua. Mais de “como é que eu faço para comunicar com o meu filho e não tanto eu não sei língua gestual, ou eu não percebo o que ele está a dizer”, não tanto a barreira da falta de um código linguístico.

- Então essa questão da LGP, como superação de uma barreira de comunicação entre a criança e a família, é uma construção também. Eles vão-se apercebendo e à medida que vão se apercebendo vão superando, ou não, vai diminuindo ou não?

A: Sim, eu acho que eles... a grande experiências que nós temos aqui, a grande maior parte dos pais que estão aqui conosco acabam por perceber a importância da língua gestual. Nós temos um menino, que vai passar agora para a turma bilingue, e quando chegou aqui dizia “ah, eu não quero que o meu filho fale..., saiba língua gestual ele vai aprender língua gestual e não vai falar”. Esteve conosco no ano passado e agora tivemos reunião de avaliação e a mãe está mais que convencida, não é convencida, acredita mesmo que a língua gestual vai fazer a diferença neste menino, e vai para uma turma bilingue no próximo ano letivo. E foi uma mãe que nos chegou aqui a achar que a língua gestual ia impossibilitar o filho de vir a falar.

- Isso é interessante, o que falou, então essa questão da barreira comunicativa, em idade muito precoce é mais um conceito nosso de quem está de fora, do que dos próprios pais?

A: não os pais também sentem essa barreira, os pais também sentem, por isso é que nos perguntam “como é que eu faço para?”. Agora não põem na questão da barreira de um código linguístico, põem a barreira nas questões da comunicação de uma forma ampla, não é? Os pais perguntam, “mas como é que eu faço? Ele não me ouve, eu estou a dar banho, tenho que continuar a falar

com ele? Como é que eu faço para lhe dizer que eu quero que ele lave o pé?” Mais as questões amplas da comunicação, não é? E nós dizemos, temos que exemplificar, temos que tocar, temos que esperar que ele olhe para nós, aquelas estratégias. Quando nos chegam aqui nenhum, a não ser aqueles filhos de pais surdos, sabe língua gestual, nem os pais nem os filhos. Nem os bebés sabem língua gestual, nenhum gesto.

- Mas eles percebem que à medida que vai sendo introduzida a língua gestual portuguesa, que a barreira... que essa barreira geral da comunicação, ela é superada aos poucos?

A: Sim, sim, eu acho que sim, eu acho que sim. Até porque há um ou outro bebé assim mais velhinho que chega com gestos próprios, não é LGP, mas são gestos próprios, é uma mímica, não é? E muitas vezes são os pais que nos estão a traduzir o que é que ele quer dizer com aquela mímica, não é? E os pais depois percebem que o facto de haver uma língua que vai substituir esta mímica, é muito mais rica e que lhes possibilita um acesso ao mundo muito maior do que se for uma mímica muito concreta e, não tem um código, não é um código linguístico, os pais acabam por perceber que de facto o caminho passa pela língua oral ou gestual e acabam... a grande maioria, acho que não temos aqui nenhum pai que depois de ver o trabalho e a evolução que o filho vai tendo com o acesso a uma língua, seja ela oral ou gestual, e ou, porque há meninos que vão aprendendo as duas, que seja um entrave ao que quer que seja, e acabam por aceitar. Não temos aqui nenhum pai que tenha dito a língua gestual, no final da intervenção connosco, “a língua gestual foi prejudicial para o meu filho”.

- Neste modelo de FBP qual a importância do papel da família / envolvimento parental?

A: Fundamental, fundamental, porque são eles que estão a grande parte do tempo com os filhos. Mesmo que estejam em creche ao fim de semana e no resto do tempo complementar são os pais, portanto se os pais não perceberem muito bem o que nós estamos a fazer com os filhos, se não ... se os pais não continuarem um bocadinho o trabalho que se segue, ou se não aceitarem, ou se não perceberem ... nós não fazemos nada sozinhos. É fundamental o nosso

trabalho com os pais, para percebermos as expectativas, para partilharmos estratégias, para partilharmos objetivos de desenvolvimento a curto ou a médio prazo, para partilharmos necessidades de resolução de intervenção, de tomada de decisões futuras. Portanto, sem os pais, e sem um trabalho muito próximo e articulado com os pais, eu acho que não funcionaria. É a tal coisa eu acho que passava a ser mesmo uma clínica, e eu vou lá atuo e venho-me embora, quer dizer nós queremos-nos completamente distanciar do modelo clínico em termos de intervenção. Portanto, temos de trabalhar de forma muito próxima e articulada com as famílias, isso é ponto essencial do nosso projeto.

– Pressupostos e opções linguísticas

- Havendo várias abordagens aural-oral, bimodalismo, etc., e não havendo uma só conceção para o bilinguismo como são realizadas as opções linguísticas? São baseadas apenas na legislação, sendo o bilinguismo sempre o objetivo da proposta?

A: Primeiro nós olhamos para cada criança, ... o nosso modelo é bilingue, ponto, e é o bilinguismo simultâneo. Nós aqui não temos a possibilidade do bilinguismo sequencial. Temos um caso de um bebé surdo filho de pais surdos, mas o resto são todos filhos de pais ouvintes, portanto o bilinguismo, aqui neste espaço, funciona como bilinguismo simultâneo. Isto simultâneo não é falar as duas ao mesmo tempo, não é eu falar língua gestual e língua oral ao mesmo tempo, que isso é português gestualizado, ou língua gestual oralizada, não. Quando se fala em bilinguismo simultâneo é o desenvolvimento em espaços próprios, mas o desenvolvimento das línguas aqui. Tentamos trabalhar momentos linguísticos distintos, ou complementares.

- Quais são especificamente esses momentos? Consegue determiná-los?

A: sim, nós fazemos assim, nós temos ... semanalmente nos sabemos quais são os tempos que os bebés têm e temos o interlocutor privilegiado, nós trabalhamos em duplas, há um único dia em que estamos as três, mas de resto trabalhamos em duplas profissionais, e há o interlocutor privilegiado, se nós sabemos que... e depois isto é pensado menino a menino, nós sabemos que aquele menino

neste momento precisa de um forte investimento a nível de língua gestual, e então a nossa docente de LGP é a interlocutora principal naquele momento com o bebé, e em situações pontuais o outro par intervém, é evidente que intervém, mas sem... quando é para trabalhar a LGP não há em produção simultânea da mesma pessoa das duas línguas. Se a ... está a trabalhar LGP com o bebé é a LGP. Quando sou eu que tenho que fazer uma intervenção, se for ao nível comunicativo da língua oral eu falo em língua oral, se for um objetivo muito específico da oralidade, se estou a trabalhar competências de outra área do desenvolvimento e preciso da língua gestual, a minha intervenção pode ser a partir da língua deles se for a língua gestual. Mas nunca no sentido de ser em simultâneo as duas línguas para não haver conflito de estrutura e do modelo da língua que estamos a trabalhar. Quando a ... tem tempos específicos para a língua oral, intervenção específica de terapia da fala, com os bebés. A ... tem alguns momentos para trabalhar a língua gestual. Eu normalmente estou com uma delas, há dois momentos em que estou sozinha com os bebés, de resto é sempre um momento partilhado.

– Quem dimensiona efetivamente o modelo educativo da criança?

AL: É sempre planeado pelas três, e sempre em função do bebé que temos à frente e depois pode variar ao longo do ano. Nós temos uma menina, por exemplo, que quando veio para cá estava implantada há pouco tempo, as expectativas daquela família e o entendimento de Coimbra, e nosso também, era de que houvesse uma aposta grande na oralidade naquela fase de estimulação pós-implante, e depois com o tempo começamos a ver que ela estava a precisar de mais tempo de língua gestual, então reestruturamos os nossos pesos semanais de intervenção e redistribuímos a nossa intervenção com aquela criança. Mesmo as idas às creches e a casa, por exemplo as nossas..., a determinada altura com o aumento de meninos tivemos de nos dividir, portanto às vezes umas vão a um lado e outras vão a outro lado. Por exemplo ainda agora na reflexão do segundo período achamos que fazia sentido agora nesta fase a docente de LGP ir ao contexto de creche daquela criança, onde estava a ir a terapeuta da fala. Ou ao contrário, naquele menino que agora está com algumas questões de desenvolvimento faz mais sentido ser sempre a educadora

especializada a ir. Portanto nós vamos ajustando à medida que os meninos vão evoluindo, nas duas línguas, e vão evoluindo a nível de desenvolvimento global, o que é que naquele momento faz mais sentido dar mais tempo de intervenção. Priorizar, porque apesar de nós sermos as três... e isto como eu disse no início, não serem áreas estanques, nós trabalhamos de forma muito... multidisciplinar e transdisciplinar, as áreas não são estanques. Percebemos que naquele momento aquela criança precisa de mais reforço, ou de língua gestual, ou de língua oral, ou do desenvolvimento global, e tentamos ajustar isso na nossa atuação.

- Existem critérios mínimos para se poder concluir uma situação real de bilinguismo? Quais?

A: Critérios, critérios não há. Agora eu sinto que não é mesmo bilingue, totalmente bilingue. Se nós pensarmos no modelo bilingue puro, não é? Acho que não, acho que não, o tempo... quando eles saem daqui eu acho que a língua gestual, por exemplo morre, ou quase morre. Os pais são capazes de fazer um ou outro gesto que aprenderam, aqui em contexto com eles, mas depois não conseguem expandir para além daquilo. O modelo surdo está aqui, quando o bebé deixa de estar aqui não há modelo surdo. Portanto, era preciso que fosse muito mais constante, muito mais diário este tipo de trabalho para se conseguir o modelo bilingue. Não acho que... eu acho que isto é um princípio de...

- Portanto seria uma das dificuldades que se coloca nas propostas de intervenção para que possam ser realmente bilingues é porque os pais não conseguem, dar continuidade deste modelo em outros contextos, no fundo...

A: Esse também. O facto de os bebés não estarem aqui a tempo inteiro. Eu acho que há várias questões que dificulta. Para já isto de ser bilingue puro, eu só vi teoricamente. Já estive em algumas respostas e ainda não vi o modelo bilingue puro como nós lemos na literatura, a não ser quando fui a Gallaudet que vi surdos e ouvintes com os braços no ar. Não se distinguia quem era surdo e quem era ouvinte, e eu vi um surdo a dar aulas de química a surdos e a ouvintes, portanto ali de facto... eu achei... o que eu mais me aproximei... do que eu já li do modelo

bilingue aqui na nossa realidade eu acho que nós ainda estamos um bocadinho longe do que é o modelo bilingue nas escolas, não é?

- Aos pais é colocada a LGP como L1 de forma incontornável ou há abertura para outras opções? Quais?

A: Incontornável? Não nós aqui... para já nestas idades nós não sabemos o que é L1 ou L2, eles ainda estão numa fase...

- Mas como proposta educativa isso é lhes colocado? Ou não?

A: Sim, se fala que a língua gestual é a primeira língua? Dizemos que há crianças que têm a língua como primeira língua, outras como segunda língua, mas na fase em que nós recebemos os bebés nós não sabemos qual é a primeira e qual é a segunda língua, ou qual vai ser. Eles chegam-nos muito pequeninos, e muitas vezes nós naquela fase não sabemos qual é a língua primeira ou a língua segunda. Ou qual é naquele momento e qual poderá vir a ser no futuro. Agora o que nós dizemos aos pais, temos meninos com vários tipos e graus de surdez e com várias possibilidades linguísticas, e que alguns têm a língua gestual como primeira e outros vêm a ter a língua portuguesa como primeira. Nesse momento nós não sabemos. Muitas vezes quando chegam os bebés nós não sabemos. Até no pré-escolar muitas vezes quando apanhamos aos três anos não sabemos aos cinco como é que eles vão ser linguisticamente. Portanto, nós à partida nunca dizemos aos pais a língua primeira do seu filho é a língua gestual. Nós dizemos "nós aqui trabalhamos as duas línguas na potencialidade máxima de cada uma, na língua gestual e na língua oral". Cada um vai fazer o seu caminho, e vão ter uma língua primeira e uma língua segunda, mas naquele momento em que recebemos os bebés nós não sabemos e não dizemos aos pais: "olhe a língua primeira do seu filho é esta". Agora quando é preciso tomar opções, no final por exemplo dos meninos estarem aqui dois ou três anos e depois é preciso tomar uma opção para irem para o pré-escolar, transitarem para o pré-escolar, aí nós conversamos com os pais. Ou vamos conversando... isto não é uma conversa única, nós estamos todos os dias com eles, não é? E vamos conversando com os pais e dizendo: "olhe a língua que mais, neste momento, dá acesso à comunicação, à informação e ao conhecimento do mundo passa

muito mais pela língua gestual do que pela língua oral. Portanto no nosso entendimento este menino deverá continuar a fazer o percurso num modelo bilingue, isto é, com a língua gestual como primeira língua e, portanto, deverá ir para a turma bilingue.

- A oralidade é uma “escolha” determinada pelas habilidades linguística que a criança vai adquirindo ao longo da intervenção, ou está relacionada ao grau da perda auditiva?

A: É sempre em função das competências...

- São utilizadas metodologias de segunda língua na aprendizagem do português oralizado, L2? Quais?

A: Nas idades mais precoces existem metodologias concretas e muito explícitas do ensino da língua portuguesa como língua segunda. Aqui para os bebés... digamos, eu não falaria num ensino, porque eu acho que o que distingue estas fases precoces de fases mais avançadas é ensino/aquisição. Enquanto eles estão num ensino mais formal é de facto um ensino de ..., aqui é muito mais uma aquisição de, é mais uma aquisição. Aquilo de que se fala aquisição de uma língua ou aprendizagem de uma língua. O ideal é que uma língua seja adquirida e não seja ensinada, é o ideal. É o que acontece connosco que somos ouvintes, e somos filhos de pais ouvintes e aprendemos o português de uma forma adquirida naturalmente. Portanto, nós vemos sempre aqui a intervenção como ... o ideal será eles adquirirem uma língua de forma natural e não ensinada, portanto eu não diria que existe uma metodologia de ensino da língua portuguesa, ou da língua gestual. Não há uma metodologia porque nós tentamos que esta aquisição seja natural, o mais natural possível. Portanto nós às vezes estruturamos as nossas sessões, mas aproveitamos muito os momentos lúdicos de brincadeira para o desenvolvimento linguístico também.

- Mas isso seria uma metodologia? Essa forma de estimular e de fazer... de potenciar as capacidades de...

A: Chamemos-lhe isso, embora eu não diria que seria uma metodologia pensada de ensino do português como língua segunda...

- Para aquisição de...

A: Mais para aquisição, sim. Muitas vezes estes momentos... nós temos às vezes sessões pensadas com trabalho de mesa, construção de um jogo, com objetivos muito claros, construção de um jogo ou resolução de uma situação, não sei o quê, mas quando vamos para ali brincar com eles, não é, e são eles que nos vão conduzindo na brincadeira. Brincar às casinhas, a darem-nos de comer, a pentearem-nos, a fazerem totós, e nós vamos conversando com eles, acaba por ser uma aquisição muito natural tanto da língua oral como da língua gestual, ou conforme seja o momento que está ali a ser privilegiado do desenvolvimento da aquisição linguística, e não tanto o ensino muito formal de uma língua, como uma língua segunda ou uma língua primeira, o que quer que seja que esteja ali à nossa frente.

- Processo de encaminhamento / entrada das crianças na instituição.

- De que forma os pais procuram o serviço? Encaminhados ou diretamente?

A: temos as duas situações. A grande maioria dos meninos que nós temos agora, aqui na precoce, ou são encaminhados pelas equipas locais de intervenção precoce, que já nos conhecem, ou pelo hospital, especificamente neste caso o Santo António. Conseguimos agora este período, no final deste segundo período um protocolo, um protocolo não, um contacto com o São João, e veio uma equipa cá conhecer o nosso espaço e a nossa resposta, e trocamos contactos e ficou aberta esta possibilidade de protocolo. Portanto, mas neste momento o encaminhamento normalmente é pelo Santo António, ou as próprias famílias, os próprios pais que conhecem alguém que esteve cá, ou que andou cá ou que tem irmãos cá e que nos procuram diretamente. Temos o caso de um menino que nos veio cá porque está a ser seguido também na APPC, conheceu lá uma mãe que também tem o filho na APPC e que lhe falou da nossa resposta e nos veio bater à porta. Portanto o encaminhamento ...

- E da área da educação, crianças que estejam em creches?

A: Sim também. Temos casos de... são as educadoras ou as psicólogas que também falam connosco. Temos um menino que veio exatamente porque nós

vamos à creche de um bebé, fazer a intervenção com o bebé, no contexto de creche, e a psicóloga daquela escola sabia que nós andávamos por ali, não é, semanalmente e veio pedir “olha tenho ali um menino na sala dos quatro anos que eu acho que há ali algumas questões de surdez vocês podiam ir ver, e tal?”. E nós fomos ver, fizemos uma avaliação informal, uma observação informal e achamos que havia questões da audição. Encaminhamos para o Santo António. Em um mês o menino tinha o diagnóstico da surdez, num mês tinha os aparelhos, e foi avaliado por nós. Mas agora o forte o encaminhamento maior continua a ser pelas ELIS e pelo HSA, e depois em segunda instância pelas escolas, ou educadores ou psicólogos, ou alguém que trabalha nas escolas, e as famílias.

– Após o diagnóstico da surdez quem encaminha? Profissionais da área médica, educação, outras?

A: Normalmente por orientação de outros. Tivemos dois casos que foram os próprios médicos que escreveram no relatório que achavam que o menino devia vir para cá, especificaram mesmo esta escola, mas é raro, são casos muito raros. A maior parte os médicos ou já estão sinalizados nas ELIs, ou eles sinalizam para as ELIs, daí das ELIs é que vêm para aqui. Normalmente diretamente da parte médica para aqui acho que é muito raro.

– Qual a aceitação da família perante o diagnóstico e quais as suas expectativas?

A: Eu acho que varia muito de pai para pai. Perante o diagnóstico a grande maioria dos pais fica surpreso, alguns deles ficam surpresos, alguns já sabem, quase lá no fundo, que há ali alguma questão, mas depois custa-lhes aceitar. Mas quando os bebés nos chegam aqui têm um diagnóstico relativamente recente. A grande maioria dos bebés soube do diagnóstico... as famílias souberam do diagnóstico há relativamente pouco tempo, temos alguns que não, continuam com o diagnóstico, e só passado algum tempo é que vêm. Mas a grande maioria, como nós estamos a apanhar a faixa precoce, ainda muito pequeninos o diagnóstico...

- E vocês selecionam e referenciam?

A: O quê?

- As crianças quando chegam?

A: Não, os pais quando nos chegam é para os referenciar, não somos nós que os referenciamos. Os pais quando vêm cá..., ou é uma ELI que nos contactos já nos trás a referenciação a solicitar uma avaliação. Portanto os bebés chegam-nos com uma referenciação na mão. A ELI diz que existe esta resposta e referencia-nos o caso ou...

- Então os casos de pais que vêm diretamente são muito raros?

A: É muito raro, os pais que nos vêm diretamente porque souberam, como foi o caso destes dois meninos. Tivemos aquele menino o ... que tem cá a irmã, e mal a mãe teve o diagnóstico de surdez, sabia que existia esta resposta e em vez de dizer assim “olhe o meu filho tem o diagnóstico daqui e quero referenciar”, e aí nós referenciamos com a mãe, é sempre a mãe que referencia e nós preenchemos com a mãe. O outro menino da APPC foi igual, encontrou esta mãe lá na APPC e veio-nos bater à porta e disse “eu soube que vocês existem e queria uma avaliação vossa”. E referenciou no momento o bebé, e nós preenchemos com eles a referenciação, e a referenciação seguiu. Só depois é que se parte para a avaliação e depois para a decisão se é ou não, se fica ou não connosco, e depois começamos a intervenção.

- E têm critérios de seleção?

A: Não. A única condição para vir para cá é ter um diagnóstico de surdez, de resto não há critério nenhum de seleção.

- E são vocês, é a equipa que recebe?

A: O que, as referenciações?

- Sim, sim.

A: Pode não ser. As referenciações podem ser entregues na secretaria. O que tem acontecido é que a maior parte acaba por ... isto acaba por ser um contacto

muito direto, porque é assim são as ELIs com quem nós já trabalhamos, há algum tempo, não é? Ou a assistente social ou terapeuta da fala, pega no nosso telefone e às vezes no nosso telefone pessoal, ou no nosso mail e diz “apareceu-nos aqui uma criança que tal tal tal tal ...posso referenciar para aí, posso encaminhar para irem aí?”. Muitas vezes é um contacto muito direto.

- No fundo é isso que eu quero perceber. É o diminuir um pouco a burocracia, o formalismo, que existe ainda em muitos lugares.

A: Sim, sim. Aqui o que eu acho é que já se criaram algumas redes de contacto que facilitam este processo, não é?

- Então não há grandes dificuldades no processo?

A: Não, há a nível de divulgação ainda maior desta resposta. Quanto maior for divulgada esta resposta maior vai ser esta rede de contacto, como foi agora, por exemplo com o S. João.

- Como se estruturaram, no sentido de divulgarem a valência e estabelecerem o encaminhamento? Através de projetos, elaboração e distribuição de prospetos, etc.?

A: Nós temos um projeto, este ano, que se chama “Aqui Mais Além”, que é um projeto da precoce. Independentemente do projeto da precoce, é um projeto dentro da precoce, um projeto de atuação dentro da precoce, chama-se “Aqui Mais Além”, que estruturamos três atividades, uma para cada período. No primeiro período chamámos-lhe, como é que era? No primeiro período foi a criação e divulgação de um flyer desta resposta, onde foi concretizado um flyer de divulgação. O que é que nós fazemos, quem somos, onde estamos? Quais são os nossos princípios de atuação, etc., etc., etc. Depois fizemos uma listagem de instituições às quais queríamos distribuir, nomeadamente hospitais, ELIs, associações de surdos, e fizemos essa distribuição. No segundo período foi uma divulgação interna que chamamos “Relaxar, Relaxar e Conhecer”. Onde convidamos todos os docentes do nosso agrupamento a virem aqui ao nosso espaço, lancharem, comerem os bolinhos que os nossos bebés fizeram, tomarem um café, responderem a um pequenino inquérito sobre o que é que

conheciam da precoce, e depois dávamos a conhecer o que é fazíamos. Muita gente dentro do próprio agrupamento não sabia o que é que nós fazíamos, e nem sabiam o que nós eramos, pronto. No terceiro período, outra atividade dentro deste projeto, que é um encontro formal com todas as equipas que têm bebês, todas as equipas precoces do país para discutirmos o que é que cada uma está a fazer e em que caminho é que vamos. Portanto são três momentos, um em cada período, com o objetivo de divulgação e de ampliação desta resposta e digamos. O objetivo será, depois, esta divulgação passar para outras instâncias, mas isso será para o ano. O projeto este ano chama-se “Aqui e Mais Além”, é o princípio, e passou por estes três bocadinhos, um contacto mais informal com uma resposta, uma divulgação, mais à distância com flyers e contactos com as instituições. No segundo período foi uma divulgação interna, digamos dos nossos colegas, porque os nossos colegas pensavam que era o FBI. Houve uma colega que veio aqui e disse FBP eu pensei que era FBI? Portanto, foi muito engraçado virem colegas. Nós convidamos desde as auxiliares às docentes, aos técnicos todos para virem aqui, e foi engraçado perceber e depois analisar ... isto era um inquérito que nós tínhamos anónimo, evidentemente, o nosso objetivo não era saber quem veio e quem não veio, era perceber exatamente o que é que as pessoas sabiam o que é que nós estamos aqui a fazer. Fazer este levantamento e foi muito engraçado perceber o quanto as pessoas não sabiam quem nós eramos! Estamos dentro da escola, somos profissionais que estamos aqui, e muita gente não sabia sequer que nós recebíamos bebês tão pequeninos. E não sabia que nós íamos às creches, ou que íamos a casa. E que estamos com bebês dos 0 aos três e depois o que é que acontecia? Mas estamos numa escola pública e têm bebês dos 0 aos três? Foi muito engraçado perceber que... surpreendeu-nos ... mesmo a secretaria, vieram cá... toda a gente da secretaria veio aqui ao nosso espaço, e foi engraçado, eles que são a primeira receção destes documentos formais, nomeadamente as referenciações, podem-lhes ir lá parar uma referenciação, não sabiam às vezes dar resposta de coisas específicas que os pais pudessem perguntar sobre nós. Se um pai perguntasse “ah e eles estão lá a tempo inteiro?” Elas não sabiam dar esta resposta porque nunca tinham vindo aqui e não

conheciam esta resposta a fundo. Portanto as próprias senhoras da secretaria ficaram “AH! AH! AH! E foi engraçado e disseram “Ah, então quando um pai telefonar ...” E nós “é isso mesmo que nós queremos... Se um pai telefonar a perguntar, por favor diga que sim, ou que não”. Explique o quem nós somos e o que fazemos. Portanto até a primeira instância que recebe ... que pode receber uma referência, não é, porque pode vir alguém referenciar a uma secretaria, não sabia exatamente, às vezes, dar uma resposta mais concreta sobre o nosso funcionamento. Portanto foi muito importante o facto de termos feito este convite às pessoas para vir. Agora acho que ainda não veio toda a gente que nós gostaríamos que viesse. Portanto houve uma... toda a gente que veio foi muito importante que tivesse vindo, agora achamos que devia ter vindo muito mais gente. Nos achamos que depois disto vamos ter de refletir e arranjar outra estratégia qualquer, se calhar para o ano, porque agora no terceiro período estamos focados na organização deste encontro com as outras FBPs, que eu não sei se se chamam assim, mas com as outras FBPs, não é? É esse o nosso momento do terceiro período, do projeto, mas se calhar vamos ter que refletir de como é que para o ano vamos conseguir trazer mais colegas aqui ou ... pronto temos de pensar.

– Acolhimento da família e processo de avaliação da criança

– Como é realizado o acolhimento à família?

A: Quando uma família nos chega nós fazemos, antes ainda da avaliação, ... o nosso processo é: ele é referenciado, é acolhido por nós, nós explicamos, mostramos o espaço, vai para a referência, segue para a equipa multidisciplinar. A equipa multidisciplinar decide qual é a equipa que vai avaliar aquela criança, este ano tem acontecido, se é um bebé para a precoce, para a FBP, é a equipa da FBP que avalia. Pronto, mas é a equipa multidisciplinar que faz esta decisão. Pronto são três momentos, não é? Às vezes coincide o momento da referência coincidir com o momento do acolhimento. Se são pais que nos batem à porta e dizem “eu sei que vocês existem quero referenciar o meu filho”, nos aproveitamos aquele momento e fazemos o acolhimento logo naquele momento. Fazemos acolhimento, dizemos quem somos, mostramos o

espaço, dizemos como é que funcionamos, quem somos nós, tal tal tal ... e os pais referenciam. Se são pais que referenciam por outra instância, por exemplo foi a ELI que nos mandou a referência, nós marcamos com os pais um momento antes da avaliação para fazer este acolhimento. Temos uma ficha que chamamos mesmo, uma grelha nossa, que chamamos mesmo Ficha de Acolhimento, onde fazemos um primeiro levantamento do historial do bebé e da família. Isto é o que nós recebemos da família, e depois damos à família a explicação do nosso funcionamento e quem nós somos.

- A inclusão da família na comunidade escolar é sempre feita por vocês?

A: sim.

- Quem avalia?

A: Quem avalia somos nós depois da decisão da equipa multidisciplinar.

- Em que contexto avalia?

A: Normalmente o momento de avaliação é um, se precisarmos de complementar informação recolhemos informação na creche, também vamos lá. Mas normalmente é um momento formal em que se marca o momento de avaliação, e normalmente são os pais que vêm cá com os bebés, e se já estão acompanhados por ELIs ou por outras equipas, as equipas também vêm. Portanto, no momento da avaliação ou vêm as terapeutas ocupacionais, nós somos digamos uma avaliação mais em arena, em que nós somos os interlocutores principais, vão ser avaliados pela surdez, mas as outras equipas também vêm a este momento de avaliação.

- Quais as etapas da avaliação? Que instrumentos de avaliação usam?

A: Nós não usamos instrumentos formais. Há várias baterias de avaliação formal para avaliar qualquer criança, nomeadamente algumas baterias para avaliar as questões da comunicação e linguagem, e da surdez e etc. Nós não usamos instrumentos formais, nós quando fazemos este momento de acolhimento, que é prévio ao momento da avaliação, tentamos perceber, e temos isso na nossa ficha, quais são os interesses da criança, em que ponto eles estão já em termos

de comunicação, e depois quando pensamos, em equipa, como é que vamos avaliar aquele bebé, tentamos ir buscar materiais e brincadeiras e estratégias, que nos pareceu no acolhimento que são situações que vão ao encontro do bebé e proporcionamos situações.

- Já têm alguma preocupação, nesse momento, ou nesses momentos de avaliação, já têm alguma preocupação de ver algumas competências que possam permitir estimular a oralidade?

A: sim, a oralidade e a língua gestual, qualquer uma delas, sim. Nós avaliamos tudo o que envolve a área comunicativa e linguística, seja da LP ou da LGP.

- De que forma a avaliação destas crianças, em idades muito precoces e o facto de a grande maioria não ter, nem estar, em processo de aquisição de nenhuma língua influencia as decisões / opções linguísticas futuras?

A: É assim... a avaliação? Só o momento da avaliação? Este momento da avaliação?

- Pelo que eu percebi não é só um momento são vários momentos.

A: Normalmente só temos um momento formal de avaliação. Há uma data em que se marca a avaliação daquele bebé, e depois fazemos um relatório que resulta daquele momento de avaliação.

- Esse relatório e o facto de esta ser uma idade realmente muito, muito precoce, e não estarem sequer, normalmente, em nenhum processo de desenvolvimento linguístico essa avaliação que fazem...

A: Eles estão, os que estão em creches já estão emersos num ambiente...

- Por exemplo o surdo profundo não consegue nem a parte da oralidade nem a língua gestual, um porque é incapaz de ouvir, outro porque não está a ter modelo nenhum de desenvolvimento. Isso interfere de alguma forma a decisão que vão fazer das opções linguísticas futuras?

A: Não, porque é assim, quando eles vêm para aqui não há a questão de “vai para a integração ou vai para a bilingue”. Isso põem-se por exemplo no pré-

escolar, mas aqui não se tomam esse tipo de opções, é vem ou não vem. E se vem para aqui vem para o modelo bilingue. Portanto não há opção de vir para a FBP num modelo de integração, isto é, quando os pais aceitam vir para a nossa resposta já sabem que vêm para este modelo e que vão estar..., que vão ser trabalhadas as duas línguas sempre, com pesos, ou não, diferentes, mas vão ser trabalhadas as duas línguas, os pais já vão ter de aceitar isso à priori.

- Portanto o importante é a etapa de desenvolvimento?

A: É a etapa de desenvolvimento. Portanto aqui nós não sentimos aquela pressão de vamos avaliar para pensar qual é o modelo mais adequado para aquela criança? Ou qual é a língua primeira, ou onde é que ele vai estar melhor, é na integração? É na bilingue? Isso põem-se no pré-escolar, e põem-se no fim do processo de estarmos com eles aqui, na precoce, quando eles fazem a transição. Quando eles vêm não há esse tipo de questões. É um menino surdo que está ali, tem aquelas características de desenvolvimento. Os pais sabem que nós somos uma frequência bilingue precoce com um modelo bilingue, ou o mais possível próximo de um modelo bilingue, digamos assim, e portanto os pais sabem quando vêm para aqui eles vão ter contacto com a língua gestual e vão estar expostos à língua gestual.

- Qual o papel dos pais no processo de avaliação?

A: É importante também, os pais estão sempre presentes e nós muitas vezes complementamos a informação do que não podemos ver com coisas que os pais nos dizem naquele momento, naquele momento ou no momento de acolhimento.

– Atualmente percebe-se alguma diferença na forma como os pais reagem às dificuldades da criança, comparativamente com os primeiros anos da implementação deste programa?

A: É assim, eu não consigo ter essa noção assim tão há distância porque eu estou há relativamente pouco tempo na precoce, não é? Eu estive há uns anos atrás uns 2, 3 meses à espera que a colega viesse, portanto, e depois só tenho esta noção dos últimos dois três anos. Portanto, eu não tenho muito essa noção

desta análise tão longitudinal e temporal, não é? Não sei, mas eu acho, pelo menos nestes últimos anos é tudo muito semelhante.

- Processo de intervenção / acompanhamento

- Como são elaborados os planos de sessão, e onde se desenvolve o processo de intervenção da criança?

A: Nós não fazemos um plano formal, no papel. O que nós temos é reuniões à quarta feira. Todas as quartas feiras temos uma reunião de equipa, e o objetivo destas reuniões, o objetivo inicial destas reuniões era partilhar o que cada uma observou durante a semana e programarmos a semana seguinte. Porque nós somos uma equipa e temos de estar muito articuladas. As parcerias vão variando, portanto temos de saber exatamente o que é que cada uma está a fazer nos seus momentos de intervenção. Acontece que, isto foi também uma das questões que pusemos neste relatório de avaliação deste período, é que as questões que surgem são tantas para além da programação, não é, contactos que se tem que fazer com as ELIs, com os hospitais. Questões de desenvolvimento que são discutidas ali. Há tantas questões às vezes. Projetos que vamos participar, que só ... falta tempo para esta programação a três. Portanto o que acontece depois muito no dia a dia, é eu sei que vou estar com a ... e no dia anterior dizemos: "... amanhã com o menino não sei o quê era importante tal tal tal". A ... diz-me: "era importante tal tal tal". E nós coordenamos o nosso trabalho desta maneira. Portanto não há uma planificação formal, em papel, não há. Infelizmente não há. Em situações pontuais, e às vezes quando temos necessidade de fazer pontos de situação concretas é que fazemos alguma listagem, alguma programação mais individual para aquele menino.

- Então no fundo tudo é mesmo em articulação com as três, os passos seguintes, dentro da equipa não há ninguém que decida? São as três?

A: Não, não, sempre as três, sempre as três. O que nós fazemos mais formal é nós temos um plano de intervenção da FBP para cada bebé, o que nós chamamos o PI do FBP, que é o documento estruturante. Não é um PEI, porque estes meninos não têm PEI, porque não estão em idade pré-escolar. Não é um

PIIP porque nós não somos ELI do SNIPI, então temos um PI do FBP que é um plano de intervenção da FBP. Digamos que partiu destes dois documentos, foi um documento construído por nós, que tem por base o PIIP, e não esquecendo o que é suposto ter um PEI, construímos um documento nosso. Foi a pedagógico, e foi aprovado em pedagógico. Fazemos uma avaliação da criança e começamos a intervenção e temos mais ou menos o tempo que tem para a construção do PEI. O tempo legal que a escola nos dá é o mesmo para a construção de um PEI, temos aquele tempo para construir o PI FBP. E nesse PI FBP são traçados objetivos muito claros e muito concretos de concretização até daí a seis meses. Temos seis meses para trabalhar, cada uma de nós, sabemos que a nossa meta é aquela, não é? Com os pais, isto é construído com os pais, e alguns objetivos são muito focados na família. Do género “é importante que o meu filho diga os alimentos que quer comer na hora do lanche”, “quero que o meu filho, sei lá, resolva a questão clínica do ouvido, está sempre a purgar, não sei o quê, não sei que mais, porque este médico não me está a dar resposta”. E nós tentamos em equipa ajudar a família na resolução destes objetivos. Uns mais da área do desenvolvimento, outros mais da área da linguística, outros mais da área da vida prática deles, e outros mais da área e ... depois daí a seis meses avaliamos e reestruturamos novos objetivos. Agora no dia a dia planeamento de sessões, não há um planeamento no papel de sessão a sessão, isso não há tempo.

- Todas as crianças têm três atendimentos semanais?

A: todas exceto uma este ano, porque são de longe e os pais não tinham essa possibilidade. A nossa proposta inicial é, nós temos horário para que se vocês quiserem fazermos três atendimentos semanais. Depois é ajustado com cada família, portanto esta família que é de muito longe disse “a mim faz-me diferença ir aí tantas vezes”, vamos a casa uma vez, “a mim faz-me diferença, sou de muito longe”, portanto só vêm uma e nós vamos uma, mas regras geral os outros todos têm três vezes, mas isto também não estanque, se algum pai me disser ... houve uma mãe que agora na avaliação disse que queria reforço. Se houver um pai que diga quero quatro vezes e se houver disponibilidade no horário nós atendemos quatro. Isto não é estanque, não é uma norma que alguém nos

impôs, ou que nós enquanto equipa tenhamos decidido que é três vezes. Regra geral para haver uma distribuição que cubra todos de forma mais ou menos equitativa conseguimos três, mas pronto há um que só pode vir duas, ou nós.. ou há algum que nos pede um reforço damos quatro no horário, depende da disponibilidade de horário. Portanto não é estanque o modelo.

- Essa avaliação que fazem após seis meses, há alguma avaliação por exemplo de sessão, semanal, ou é avaliação contínua? E depois ao fim dos seis meses fazem uma ponderação mais refletida, mais analítica?

A: É assim nós vamos fazendo uma avaliação, que eu não lhe chamaria avaliação, mas muito continua com os pais. Os pais estão connosco aqui, e nós vamos fazendo, muitas vezes dando feedback, e fazendo comentários do que está a acontecer e que é que aquilo quer dizer. Portanto depois desses seis meses, o objetivo dessa avaliação ao fim de seis meses, é mesmo ver se os objetivos estão cumpridos e se é preciso reprogramar novos objetivos. É mais nesse sentido, então agora o que é que faz mais sentido daqui até ao final do ano privilegiarmos a partir de agora, e que objetivos vamos pôr. Agora como nós estamos todos os dias com os pais, há muita partilha no processo, no momento. Muitas vezes nós dizemos “olhe isto aconteceu porque... olhe ele está a fazer isto, isto significa que... olhe ele agora... via que ele só brincava com os objetos a fazer de conta que penteava, e dava de comer ao bebé, ele estava numa fase de faz de conta, olhe ele agora pegou na maraca e fez de conta que era uma colher e fez de conta que comia. Já está a entrar no jogo simbólico”. Nós explicamos isto aos pais no momento, ele está a fazer a passagem do jogo de faz de conta para o jogo simbólico. E os pais naquele momento percebem, faz muito mais sentido, eles percebem que aquela ação naquele momento tem um significado em termos de desenvolvimento. E acaba por ser até muito mais rico do que nós num momento de avaliação formal termos um relatório a dizer, eu acho que os pais percebem muito mais na prática quando lhes é explicado no momento em que está a acontecer. Mesmo a terapeuta, quando ele está na fase “a, i, o u,” de exploração unicamente com as vogais e depois passa para o pá pá pá, tá tá tá, no momento é possível dizer aos pais “olhe está a ver o que é que ele está a fazer? E que sons é que ele vocalizava a semana passada, ou há

15 dias, ou há três semanas? E agora como é que ele está em termos de salto linguístico? A que é que isto corresponde?” E os pais vêm no momento com aquela atuação concreta do bebé o que é que isso significa em termos de desenvolvimento, ou linguístico, ou desenvolvimento global, ou de LGP. É igual, não é? Eles estão connosco sempre, é um processo caminhado. É o que eu sinto. E depois eles têm muita cumplicidade connosco, os pais, porque às vezes até nos ligam para dizer que o filho fez aquilo ou ... Portanto é muito diferente do trabalho numa escola em que há um afastamento maior com as famílias.

- Quais as dificuldades deste processo da intervenção? Quais os aspetos positivos? O que tem alterado ao longo dos anos na prática interventiva?

A: Se é positivo... eu acho que para além de ser positivo é fundamental. Quanto mais precoce for uma intervenção, seja em crianças surdas ou com outras problemáticas, ou com outras necessidades, eu acho que quanto mais cedo..., é como com os nossos filhos, quanto mais cedo é feita uma intervenção, uma estimulação precoce, eu acho mais rico poderá vir a ser o futuro.

- Houve alguma alteração significativa ao longo destes anos de intervenção?

A: Eu não posso falar ao longo destes anos. O que eu sinto é que estou aqui há relativamente pouco tempo e já foram feitas algumas alterações no processo à medida que vamos caminhando. Portanto, eu acho que desde o momento que eu comecei a intervenção na precoce, que foi uma intervenção ainda esporádica, por três meses, e depois passou por ser uma intervenção partilhada, porque eu estava a meio tempo na precoce e a meio tempo numa turma bilingue. Depois estive a meio tempo na precoce e a meio tempo a dar apoio a meninos integrados. Desde o tempo, que é relativamente pouco, que eu estou na precoce eu sinto que já fizemos coisas diferentes. Que já alteramos algumas perspetivas e que isto é um caminho. Por exemplo este projeto que nós fizemos este ano já nos abriu portas para outras coisas. Por exemplo este projeto, foi através deste projeto do segundo período, desta atividade do segundo período de divulgação interna, que uma colega, daqui da nossa escola disse “Ah eu trabalho com um colega que está no hospital de S. João ...” e que nos deu esta porta, e que nos abriu esta porta para o S. João. Portanto o facto de nós termos feito este inquérito

aos colegas e termos percebido o que é que ainda era possível divulgar internamente, abre-nos portas para outra situação. O facto de os pais nos terem mostrado que precisavam de conversar uns com os outros, abriu-nos portas para, ou deu-nos a capacidade de analisar, e agora no terceiro período vamos programar estes encontros de pais de uma forma regular às quartas feiras. Portanto eu acho que não são assim as coisas, às vezes previstas. Eu acho que as coisas vão acontecendo, e o que eu acho que é preciso é ter capacidade de análise para ver o que está a acontecer e o que é preciso fazer a seguir. Por exemplo os colegas do S. João quando vieram disseram-nos: “Ah ainda bem que nos contactaram para, não sei o quê”, e nós dissemos que “foi através da professora Raquel que nos falou do colega Nuno. O colega Nuno conhecia não sei quem da educação especial, não sei quê...”. Quer dizer foi uma rede. Eles quando chegaram aqui disseram: “quando nos falaram da FBP, nós fomos logo à NET procurar a FBP e não aparecia nada. Apareceu-nos o projeto REDES e dentro do projeto REDES a FBP e não sei quê”, alertou-nos. Nós ficamos a pensar – OK estamos a fazer este projeto de divulgação, que ainda está muito interno, mas vamos ter que partir, para o ano, para uma divulgação muito mais social da resposta da Frequência Bilingue Precoce. No Facebook, criar uma página específica da precoce para quando as pessoas que carregam FBP na NET apareça logo qualquer coisa da FBP, a página da FBP. Alertou-nos logo de que para o ano vamos ter de fazer outro tipo de ação.

- Isso é verdade eu tenho pesquisado e realmente quando se põem FBP aparece pouquíssima coisa, e aparece o projeto REDES logo, mas isso também logo, dentro do projeto REDES, é muito fácil aceder, mas é uma realidade. Há muito pouca informação a nível geral, mesmo. Não aparece nada, mesmo quando se põe “intervenção precoce na área da surdez”, aparece pouquíssima coisa, nem de Lisboa, nem de Braga. Aparece muito pouca coisa.

A: É verdade, é verdade. A verdade é que nós quando pensamos nisto neste ano, pensamos numa divulgação interna, por isso é que falamos aqui... o nosso projeto é “Aqui e mais além”, pensamos por começar com uma divulgação interna, mas a verdade é que nós temos que começar a fazer uma divulgação mais externa, deste serviço, no fundo que é uma resposta.

- Mesmos nos centros de saúde.....

A: Também fizemos, nos centros de saúde. As ELIs estão sediadas nos centros de saúde, não é? E nós entregamos também flyers nos centros de saúde. Mas isto alerta-nos para que de facto as pessoas quando fazem uma busca com palavra chave, quase não aparece, portanto se calhar para o próximo anos letivo vamos ter que pensar encetar outro tipo de ações de divulgação mais global. Quando se pensa, respondendo à sua pergunta, nós, eu acho que isto é um caminhar, e as coisas vão surgindo à medida que nós nos vamos apercebendo destas necessidades. E depois é a falta de tempo, porque às vezes para fazer uma coisa com qualidade, eu prefiro fazer menos e com mais qualidade, demora muito tempo, e nós podíamos pôr muito mais coisas no REDES de facto, mas, enfim...

- Avaliação da evolução da intervenção

(ver respostas anteriores)

– Resultados

- Refletindo e analisando o percurso trilhado até à data que resultados têm sido obtidos em relação à evolução das crianças?

A: Os meninos são muito diferentes, uns dos outros, e chegam-nos com contextos de vida muito diferentes, filhos de pais surdos, filhos de pais ouvintes. Portanto a linha de base com que eles nos chegam não é toda igual. Com diversos tipos e graus de surdez, que nós sabemos que isso também influencia no desenvolvimento global. Agora nós acreditamos e achamos que isto é uma resposta que vai fazer a diferença, achamos mesmo. Se nós não acreditássemos eu acho que não estava aqui, eu tenho, eu funciono muito por acreditar nas coisas. Eu vim, e quis muito vir para esta escola, porque acreditava, e acredito muito no modelo bilingue, mas estou aqui na precoce porque acredito mesmo na diferença da FBP. E dos bebés que eu já apanhei na precoce e que estão agora a fazer um percurso de pré-escolar, eu acho que são todos fabulosos (risos). Eu estou a puxar um bocado a brasa à sardinha, mas eu estou a lembrar os meninos que neste momento..., que nós tivemos do ano passado e há dois anos, regra

geral estão todos a fazer um percurso..., estou a pensar numa ... que está excelente, eu não posso citar nomes, mas estou a pensar aqui na minha cabeça, eu acho que estão todos, ou na bilingue ou na integração.

- As crianças que passaram por esta resposta educativa têm tido um desenvolvimento das competências comunicativas, mais concretamente da linguagem oral, diferenciado em relação a outras?

A: como disse eu não posso comparar um bocadinho em termos longitudinais. Só posso falar dos meninos que foram meus aqui na precoce, e que estão agora já noutra tipo de respostas, temos de tudo. A grande maioria, também porque cada vez mais nos têm chegado meninos implantados, não é? Que é a realidade atual, é cada vez mais nos chegam meninos implantados, ou em processo de implante, ou que chegam pré-implante, mas que vão para implante, não é? Temos meninos que nos chegam em fase pré-implante também. Portanto cada vez mais há meninos a oralizar melhor porque os implantes estão a ser cada vez mais cedo, porque nós estamos a receber bebés muito pequeninos, e com implantes muito precoces, e, portanto, cada vez mais os nossos bebés estão a ter acesso à língua oral, falada, ao português oral falado.

- De que forma verificam e acompanham estas evoluções?

A: A nível específico da terapia da fala a ... pode falar melhor, mas a ... tem uma série de baterias, tal como eu tenho o currículo Carolina do Norte, para me guiar numa linha de base do desenvolvimento global, a ... tem as grelhas dela de avaliação mais formal da língua oral. Aliás isso está tudo inventariado nos PI FBPs. Portanto quando nós fizemos os PIs FBP já está lá tudo discriminado, quais foram as opções da ..., as minhas as da ..., em termos destas áreas de desenvolvimento.

- Existe algum acompanhamento destas crianças em fases mais avançadas?

A: Nós temos uma grande vantagem que é estamos todos no mesmo espaço e na mesma escola. Portanto eu não continuo, porque eu agora estou só a tempo inteiro na precoce, mas estes meninos continuam com a Quando passam para a pré continuam com a terapeuta. Portanto normalmente, um elemento da

equipa, neste caso a terapeuta da fala continua com eles. Portanto não há um desligar completo, e como a terapeuta trabalha comigo vai partilhando sempre como é que os meninos estão.

- Quando ingressam em outros agrupamento / instituições de ensino há acompanhamento / articulação com a equipa externa? Como é realizado?

A: Nós temos... não é o acompanhamento, acompanhamento não, fazemos a monitorização. Nós temos aqui um inventário de todos os meninos que passaram por cá e que já cá não estão, aqui na precoce, e todos os anos..., e temos uma listagem desses meninos, temos ali um dossier que é “meninos que passaram por aqui, que já cá não estão”, e temos uma grelha, e fazemos todos os anos contactos com a família, ou com os locais onde eles estão, para perceber como é que eles estão. Nós chamamos o trabalho de monitorização anual. Todos os anos estabelecemos este contacto para saber se estão bem, se não estão bem, se estão a evoluir se não estão a evoluir, se está a resultar, se a comunicação, os que estão fora, se estão com a língua oral, e como é que o processo está.

- Quando todas as áreas do desenvolvimento estão afetadas acreditam que as valências oferecidas são suficientes, sendo esta, neste caso, a resposta educativa mais apropriada?

A: Depende, é assim, quando nós vemos que a problemática da surdez é francamente o mal menor daquela criança, e aquela criança tem uma problemática muito grave em outras áreas, e que a surdez, que até é uma surdez ligeira, como nos aconteceu este ano na avaliação de uma criança, a surdez era ligeira, o menino cantava, mas o peso das outras problemáticas era muito grande, então nós às vezes dizemos aos pais que esta pode não ser a resposta ideal, e aconteceu isso este ano, porque se ele vem para aqui vai perder alguns apoios porque não há duplicação de recursos. Se vier para aqui ter terapia da fala, tem terapia da fala específica na área surdez, e não vai ter uma terapia da fala mais às necessidades dele. Ou uma educação especial na área da surdez e não a educação especial da mental motora que pode ser esse o peso. Portanto quando é muito notório, muito evidente, a discrepância destas duas áreas e a surdez é um mal menor, nós dizemos aos pais “olhe não perca o que já tem

porque ele está bem”. Ou vamos procurar outra coisa complementar. Também acontece o contrário, meninos nossos que têm uma surdez diagnosticada, por exemplo profunda, ou severa ou o que seja, e que nós de repente achamos que aquele menino está com problemas de integração sensorial, por exemplo, e que precisa de um trabalho muito específico a nível de terapia ocupacional, e que nós aqui não temos, a nossa escola não tem, então contactamos a ELI e pedimos à ELI para fazer uma avaliação a este nível para eles ponderarem, nós não somos especialistas a nível da terapia ocupacional, para eles nos dizerem se acham ou não que aquela criança precisa de um trabalho complementar em outra área, e se assim for referencia-se e são apoiados pela ELI, noutra área complementar à nossa. Isso aconteceu este ano também, já aconteceu este ano.

- Acredita que encontraram ou que estão na prossecução / na construção de um modelo bilingue próprio, para uma aplicação prática e realista de acordo com a população que atendem?

A: Se calhar, eu não sei. Eu acho que isto é um caminho... se acreditamos que estamos a construir um modelo? É assim nós vamos construindo um modelo dentro de um modelo bilingue, e de um modelo de EREBAS. Portanto eu acho que isto é um caminhar, não sei se é um modelo, porque eu acho que isto não pode ser replicado n vezes para as outras EREBAS. Porque eu acho que cada EREBAS tem um funcionamento muito próprio, é o que eu percebo. Quando estivemos naquele encontro dos oito anos, não é, das escolas de referência percebemos mesmo isso, que cada EREBAS, apesar de termos o mesmo Decreto-Lei que nos regulamenta, cada EREBAS tem um funcionamento muito diferente. Portanto se pensarmos que isto é um modelo ideal que se vai replicar eu creio que não, porque acho que ...

- Mas faz sentido cada EREBAS ter o seu modelo?

A: Eu acho que o princípio de funcionamento havendo, um Decreto-Lei, teria de ser mais deveria ser mais próximo. Se há um Decreto-Lei que nos regulamenta devia ser lido da mesma maneira, pelo menos. Um fio condutor para todas elas e a verdade é que o decreto não é lido de igual maneira por toda a gente e, portanto, há muitas maneiras diferentes de funcionar dentro das EREBAS,

mesmo partindo do mesmo Decreto-Lei. Eu lembro que eu estive no painel do pré-escolar e encontramos atuações e modelos completamente diferentes, mesmo dentro do pré-escolar tendo o mesmo Decreto-Lei de base que suporta. Portanto se nós estamos a construir aqui na precoce um modelo, eu não sei. Eu acho que nós nos adaptamos à nossa realidade, aos nossos pais, e como eu disse isto é um caminhar em função das necessidades que vamos encontrando ao longo do caminho. Portanto as necessidades das outras equipas da precoce podem ser diferentes. Se calhar não se revêm no nosso modelo, não é, o entendimento que eles têm da precoce é diferente. Depois eu acho também que depende das pessoas que estão á frente da precoce, porque eu posso entender a precoce assim, e como o trabalho com os pais ser a base pilar do meu trabalho, e pode haver equipas que acham que não, que não se encontram neste modelo de envolvimento parental, para nós o envolvimento parental é uma base pilar disto tudo, e outras equipas podem achar que não. Isto também depois é um bocadinho construção da própria equipa.

- E se pensarmos que a equipa pode mudar todos os anos.

A: Era isso que eu ia dizer. Já trabalhei com outras equipas, e de facto nós como pessoas também não somos fechadas e estanques. E às vezes ao partilharmos com as colegas, e a ... que tem muita experiência com a precoce e tem trazido alguma riqueza para esta discussão, é uma construção. Eu acho que se a equipa mudar, eu acho que há coisas que são basilares que eu acho que vão continuar, agora há coisas concretas e específicas que podem morrer.

- Será que é por causa disso que cada agrupamento acaba por ter um modelo diferente? Devido à falta de continuidade das equipas?

A: Também, se calhar, isso pode ser um fator, eu acho que sim, também isso é um fator de certeza absoluta. Por exemplo eu para o ano se disser “não estou para ir com o meu carro à casa e à creche”, e as colegas disserem a mesma coisa, morre esta questão que eu acho que é tão importante de trabalhar nos contextos. Nós temos um bebé que tem tão poucos recursos em casa, não tem um livro, por exemplo, mora numa ilha, nós aqui pegamos num livro e até podemos estar a explorar com a mãe e com o bebé e tal tal tal, em casa depois

não tem. Quando nós vamos lá a casa dele nós usamos os objetos de casa para a mãe ver como é que nós podemos brincar com o candeeiro – uuupa, poin poin. Portanto há coisas que eu acho que, o contexto, as condicionantes, as imposições superiores, a equipa, as pessoas, a maneira como as pessoas vêm e privilegiam estas coisas, muda. Portanto o facto de a precoce estar em Braga, ou estar não sei o quê, funciona obrigatoriamente diferente. Voltando à pergunta, não estamos a construir um modelo para ser replicado, eu acho que não, eu acho que não. Se eu, sendo a mesma pessoa fosse para outro agrupamento, outra equipa de FBP, se calhar em Lisboa, se calhar ia rever algumas coisas, se calhar ia encontrar outras coisas.

- Não acha que isto é um modelo próprio? Que estão a construir um modelo próprio? É muito similar aos outros?

A: Eu acho que é muito próprio o funcionamento aqui, com as condicionantes que nós temos, e com a abertura e autonomia que esta direção e o nosso coordenador também nos dão.

- É um pouco isso que eu queria saber, se existe uma identidade própria neste modelo?

A: Eu acho que tem um bocadinho o cunho nosso, não é? Se calhar cunho nosso e partilhado com o nosso coordenador e a nossa direção, e que nos permitem, se calhar, que nós o ponhamos em prática, porque a direção diz assim “ok vocês podem ir às creches e aos domicílios, mas não há ajudas de custo porque a escola não consegue suportar”. Portanto se a escola, à partida, ou a nossa coordenação, o nosso coordenador de departamento, ou a nossa direção, nos tivessem dito “não podem, essa não é a vossa função, vocês têm de trabalhar aqui”, à partida aquilo que eu poderia idealizar exatamente como sendo o ideal, e o que faz mais sentido no trabalho com os bebés, morria ali, cortavam-se as pernas. E a verdade é que, nós fizemos uma avaliação e é de facto muito, mas muito rico este trabalho em creches e em casa.

- Isso é um diferencial, o que vos distingue em relação a outras intervenções?

A: Algumas. Por exemplo eu sei que a casa Pia também faz domicílios. A Casa Pia não vai às creches, porque tem lá a creche, portanto já é um contexto diferente. A Casa Pia tem lá a creche, a intervenção é feita na creche, mas também faz domicílios aos bebés que não andam em creche, por exemplo. Braga, se calhar, quem vai às creches são as colegas da equipa da ELI e não a equipa da EREBAS. Se calhar quem vai às creches e a casa são as educadoras não especializadas na surdez, são as terapeutas, que não são as terapeutas da EREBAS, são as terapeutas da ELI, que não as da EREBAS que são as da resposta da surdez, aí também já é diferente. Portanto, daí eu dizer que os contextos são diferentes, e a abertura e a possibilidade que os agrupamentos nos permitem também são diferentes, e podiam morrer. Eu poderia achar, teoricamente, que era muito importante ir a casa e ir às creches dos bebés, e a direção dizer “não podem”, e eu nem sequer tinha experimentado. Portanto nós experimentamos, enquanto equipa, e de facto trazemos dados concretos da riqueza que isto é. E há a possibilidade de continuar até ao dia que nos disserem que não, ou que a equipa mude e ache que não tem de ir. Portanto isto é tudo um bocadinho volátil, não é? Era bom que houvesse um documento escrito formal que dissesse – isto deveria acontecer – se está provado que é tão rico, que é tão útil para os bebés, deveria quase ser obrigatório, entre aspas, não é?

- Como analisa o papel da FBP como ponte de ultrapassagem das dificuldades de comunicação das crianças?

A: Eu acho que é o princípio de tudo, não é? Comunicação com todos, com a família, com os bebés, com tudo. Eu acho que é fundamental. Muitos pais chegam aqui e não sabem comunicar com os bebés, e o facto de virem para aqui vão aprender dois códigos linguísticos, ou ter acesso à aprendizagem, não vamos dizer aprendizagem vamos dizer aquisição, que é o meu objetivo principal, da minha intervenção, aqui, é a aquisição e não a aprendizagem, embora seja às vezes muito difícil, nós às vezes quase que temos que ensinar a modelar aquele gesto, ou a dizer aquela palavra com aquelas pistas proprioceptivas, ou o que quer que seja, mas para mim faz sentido que a FBP seja uma base de aquisição. Portanto eu acho que é fundamental.

- Acredita estar a contribuir para a mudança, ou não, dos modelos de educação para os alunos surdos? De que forma?

A: Eu quero acreditar que sim. Só isso é que me faz acreditar neste projeto. Eu quero acreditar que a precoce vai fazer essa diferença, não é? Dados concretos? É assim, há vários meninos que passaram pela FBP que são meninos de sucesso. Não sei se isto responde à sua pergunta, mas que estão a fazer um percurso ... agora também há de tudo. Deixe-me ver, é assim, nós temos meninos que estiveram na precoce, alguns meninos estiveram na precoce, que neste momento estão na integração nas áreas de residência, se isso é considerado um fator de sucesso...? Agora temos meninos que continuam cá, seja em turma bilingue, seja em turma de integração, que estão a fazer o seu percurso, e estão a fazer o seu percurso de forma consistente. Agora há de tudo, eu acho que deve haver de tudo, deve haver algum caso que se calhar fez a diferença em algum aspeto, mas se calhar linguisticamente não foi assim tão... Não sei, é como tudo na vida. Quer dizer, deixe-me pensar, tenho de pensar em casos concretos.

- O que acha que se perderia se esta valência deixasse de existir?

A: Ah, era uma pena. Acho que se perdia muita coisa. Perdia-se a possibilidade de os pais verem *in loco* os benefícios deste modelo, e ver os benefícios da língua gestual, que às vezes lhes custa a aceitar. Perdíamos a possibilidade de trabalhar precocemente com crianças, e trabalhar algumas etapas que depois mais tarde poderiam ser difíceis de recuperar. Perdíamos a possibilidade de trabalhar muito mais numa perspetiva de aquisição do que de aprendizagem, que é desde que eles entram para a escola o foco é na aprendizagem e não na aquisição. Portanto perdia-se esta fase tão rica de uma aquisição genuína. Perdia-se, sei lá..., os contactos externos que nós temos e que facilitam o encaminhamento cada vez mais precoce, porque o nosso contacto é muito direto, não é? Nós pegamos no telefone e ligamos para a Dra. ..., pegamos no telefone e ligamos ao Dr. ..., o trabalho contínuo com as famílias. Os pais acreditarem nesta resposta. Sei lá eu acho que se perdia tanta coisa, como se calhar quando não havia se perdia. O facto dos bebés nos chegarem cada vez

mais cedo, que é uma das grandes diferenças que nós sentimos agora é que os bebés estão a chegar de facto cada vez mais cedo. Nós, antigamente, estávamos na pré e recebíamos mensalmente ou anualmente bebés, bebés não, crianças com quatro cinco anos, agora vêm bebés de 7, 10, 12 meses, recebemos agora um de 14. Portanto se não houvesse esta resposta estes meninos iam ficar à espera dos três anos, pelo menos, para virem para uma intervenção mais direcionada à surdez. Só aí, o facto de existir esta possibilidade é de uma diferença enorme. Eu nem consigo elencar o que se perderia. É difícil de elencar assim de repente, eu acho que tinha de ser uma resposta pensada, para se poder elencar tudo o que eu acho que se perderia se se perdesse a resposta da precoce. A sério, eu acho que sim, porque eu acredito muito que isto faz diferença, faz diferença nas crianças e às vezes nestas famílias. Os pais sentirem que estão a ser acompanhados por alguém que os pode encaminhar de uma forma rápida para Coimbra, se for o caso, que pode pegar num telefone e ligar para uma ELI porque a criança está a ter problemas no desenvolvimento motor, e pedir a uma ELI que faça uma avaliação, os pais sentem-se, de algum modo, também confiam em nós e sentem-se confortados porque sabem que se calhar nós temos uma rede que também os podem encaminhar para outras situações se for preciso. Não é só com os bebés, aliás os pais acabam por não se sentir tão sozinhos, e contar mesmo connosco. Eu sinto isso que os pais às vezes contam muito connosco nesta caminhada.